

O Nascer... Natureza ou Artifício? (*Being born ...is it a natural or an artificial process?*)

* Maria de Lourdes Centa.

Resumo: *Estudo de revisão sobre o paradoxo do sim/pes/complexo fenômeno de nascer/não nascer, no qual procura-se pontuar sua importância através dos tempos e clarificar o conhecimento pela busca de resposta, através da filosofia, para a questão do nascimento ser um processo natural ou artificial.*

Palavras-chave: nascimento, infertilidade

Introdução

O nascer representa o milagre da vida, onde mente - corpo formam uma unidade inserida num todo maior. Este vir-ao-mundo do homem bem como das plantas e animais, segue um ritual próprio que culmina com a perpetuação da espécie. Em nossos dias, o conceber e o nascer de uma criança é, muitas vezes, até planejada e conta com os mais sofisticados meios de diagnóstico, avaliação e tratamento que o mundo moderno dispõe. Esta tecnologia de alta complexidade e precisão não aboliu a força dos mitos, crenças e rituais que envolvem o vir-ao-mundo do homem, consequência de sua cultura e de seu modo de ser-no-mundo, herança de seus antepassados. O ser humano, portanto, vive dentro de um mundo de significados, isto é, dentro de um mundo de relações onde é constituído o seu modo de ser, pensar e agir.

Atualmente, neste mundo de relações, a gravidez tem significado especial para os casais, pois, embora o número de filhos tenha diminuído e existam casais que não os desejem, a nossa sociedade exerce influência e pressão para que toda união resulte em reprodução. De onde, a maioria dos casais é "induzido" à sentir necessidade de procriar, obedecendo assim, a uma das funções da família, impostas pela sociedade. Dentro deste contexto, a esterilidade/infertilidade é tida como problema, levando os casais a buscar soluções, com a finalidade de atender anseios, realizar sonhos e manter a descendência, entre outros.

Refletindo sobre o simples/complexo processo de nascer/não nascer esquematizei este trabalho, numa tentativa de clarificar meu conhecimento, tentando obter resposta a seguinte interrogação: "o nascer/não nascer é um processo natural ou artificial?

Do Nascer . . . ao não Nascer

A pressão social em relação à reprodução constitui-se no motivo principal para que alguns casais

iniciem tratamento para ter filhos mesmo não os desejando, pois a obrigação interior de gerarem filhos e o medo de serem estéreis/inférteis, produzem, no casal, a necessidade de buscar uma gravidez. Ter um filho torna-se então a meta prioritária em torno da qual gira o resto de suas vidas. Pode-se apoiar em Cripa (1975) para tentar explicar este comportamento. Para ele, o fenômeno histórico nos mostra que o homem procura atender as necessidades de sua natureza, agindo e fazendo as mesmas coisas de maneiras diferentes, e é essa diversidade cultural que anima a permanência e/ou a passagem dos povos pela história. Para este autor, as realizações humanas são consequência de modelos recebidos de uma anterioridade, empiricamente indefinível, mas na qual tudo é referido.

Para Rosa (1979), independente da constituição genética, cada sociedade dita normas para o relacionamento do homem e da mulher e associa a cada indivíduo um complexo de valores e de símbolos, os quais são susceptíveis de variação cultural e não permitem que se assumam as postulações de nenhuma cultura como absolutas e universalmente aceitas. Durante milhares de anos e em todo o mundo desejou-se a fertilidade e tentou-se evitar a infertilidade, pois de que modo o homem poderia assegurar seu bem-estar na velhice, transmitir seu nome, guardar rebanhos ou lavrar a terra?

A noção de esterilidade como maldição ou castigo encontra-se presente em mitos e crenças populares nas mais variadas épocas e lugares. Muitos povos antigos e primitivos temiam a esterilidade das mulheres e da terra e desenvolviam rituais bastante complexos para aplacar a ira dos deuses e invocar fertilidade. Segundo Jeffcoar (1971), antigamente se considerava a esterilidade como desgraça, sinal de desagrado divino; era tida como motivo de divórcio e até de suicídio da mulher. Os egípcios, os gregos e as civilizações mais antigas tinham tratamentos empíricos para a esterilidade/infertilidade através de amuletos, orações, sacrifícios, poções de amor e outros. Entretanto, era comum a mulher ser considerada a única culpada pela esterilidade, e para ela o desejo de ter filhos era mais forte do que o seu interesse pela beleza, auto imagem e êxito profissional. O não ter filhos era uma tragédia para a mulher casada, pois causava distúrbios conjugais, infelicidade e doença. Para Jeffcoar (1971), foi somente no século XIX, que as investigações científicas alargaram os horizontes da embriologia, fisiologia, patologia celular e estabeleceram as bases da medicina moderna, proporcionando maior contribuição ao diagnóstico e tratamento da esterilidade/infertilidade. Contudo, apesar dos avanços produzidos na técnica de diagnóstico e tratamento, a esterilidade/infertilidade ainda tem muito de magia e superstição; antigos rituais persistem até nossos dias e são praticados tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento. Até uns 50 anos atrás, pouco se sabia sobre esterilidade/infertilidade, a não ser que

* Profª Adjunta da UFPR Doutoranda da UFSC.

O Nascer ...

Centa, M. L.

era um infortúnio vivencido pelo casal, que guardava o fato para si. Hoje, pela disponibilidade de conhecimento de meios de diagnóstico e tratamento, eles já podem admitir a ocorrência livremente.

Para entender o processo do "Nascer", faz-se necessário enfatizar não só os aspectos biopsicológicos mas, também, o papel que a cultura exerce sobre o mesmo, pois ele surge como produto de valores, crenças, convicções as quais agem sobre o mesmo, ditando-lhes normas que podem resultar em bênção ou castigo. Podemos concluir que a fertilidade é algo muito importante no mundo-vida dos seres humanos, e quando ela não ocorre pode provocar sentimentos negativos, desequilíbrio emocional e desajuste social.

Atualmente, o desejo de ter filhos, a gravidez e o parto, devem ser planejados e preparados pelo casal. Sabe-se que, neste período, os envolve numa complexidade de emoções/sentimentos/ações/valores em relação ao filho que desejam ter, a eles próprios e a família. São levados à assumir a importante tarefa de acolher emocionalmente a criança e saber aproveitar a oportunidade, não só de poder gestar um filho mas, também, de experienciar um novo ser dentro deles próprios.

A dificuldade de engravidar, em grande número de casos, deve-se a fatores que causam esterilidade/infertilidade do casal, e quando estes fatores atingem apenas um dos parceiros o fato reveste-se de especial importância, devido aos sentimentos que suscita e porque ainda existem sociedades onde a esterilidade/infertilidade é motivo de divórcio. Há, entretanto, casais que preferem renunciar à busca do filho desejado em prol de manterem seu casamento. Muitos deles recorrem à inseminação artificial, fecundação "in vitro" ou adoção, após longo período de tempo realizando tratamento sem sucesso, ou, então, após o diagnóstico definitivo de esterilidade/infertilidade. A adoção de uma criança, muitas vezes, faz com que o casal, ao exercer o papel de pai-mãe, diminua a angústia, a frustração e os temores inconscientes, determinando um afrouxamento dos conteúdos psicossomáticos, o que permite que essas mulheres fiquem grávidas quando menos esperam, daí, então, a família será constituída por filhos "do coração e de sangue".

Segundo Redem et al (1990), os homens estéreis/inférteis apresentam aspectos psicológicos relevantes como a diminuição de auto-estima, tensão, culpa, ansiedade, depressão, raiva, inferioridade, inutilidade, inadequação e/ou incapacidade sexual, imperfeição, estresse e maior número de sintomas somáticos. A esterilidade/infertilidade é considerada como uma das mais negativas situações da vida, semelhante a morte de um filho ou da esposa, suas reações são comparadas com o "luto da perda de um ente querido, ou, dor da perda da potência sexual". Além disso, o período de espera, quando há um prognóstico indeterminado causa

indecisão e conflito em relação a realização ou espera pelo tratamento o que aumenta a ansiedade neste período. Quando a mulher é a única causa da esterilidade/infertilidade, ela sofre mais por ter que levar a culpa sozinha, aguentar, em geral, a descarga emocional do cônjuge e da família deste o que pode levá-la a diminuição da auto-estima, ansiedade, depressão, manifestação compulsiva-obsessiva, sensibilidade interpessoal, somatização, inadequação no comportamento sexual, estresse, entre outros. Homens e mulheres estéreis/inférteis, sofrem danos em vários níveis de suas personalidades, e a esterilidade/infertilidade para muitos pode ser, segundo Rieker et al (1990), o que Shakespeare descreveu como a dor que não fala.

Da Natureza ... ao Artifício

Se visualizarmos o processo de vir-ao-mundo do ser humano, de acordo com o senso comum, podemos dizer que ele segue a natureza do homem em sua função reprodutiva; o que está de acordo com Aristóteles ao definir natureza como a substância das coisas que têm o princípio do movimento em si próprio. Aristóteles, exclui da natureza a accidentalidade para distinguir a obra da natureza da obra do homem. Para que este processo se realize há também que se considerar a necessidade e a ordem, pois de acordo com Caponi (1992), *a natureza ocupa o lugar de ordem e da necessidade, zona de certeza entre o acaso da matéria e as transformações da atividade humana*. Este autor nos diz, também, que a natureza é sempre uma ordem que se pretende com eficácia, rendimento ou pertinência normativa, à respeito dos assuntos humanos, porém que, não sendo fruto do arbítrio dos homens, não pode ser nem questionada, nem abolida, nem suplantada ou arruinada pelos homens concretos.

Para Ponce et al (1986) a natureza não se confunde com o que poderíamos chamar de ordem da matéria enquanto disponibilidade absoluta, não afetada por uma rede de relações. Para estes autores *a ordem do natural se define pela ordem do necessário*, onde a necessidade não é a mesma que podemos atribuir aos fenômenos que têm sua origem nas produções humanas, mas cuja característica resulta da submissão da matéria a uma ordem determinada, a uma lei, sob a qual a manifestação do fenômeno pode ser explicada como ajustada à esta ordem, ou seja, a natureza ocupa, então, o lugar de "ordem necessária". Para eles, as leis da natureza se referem ao domínio ao qual uma determinada ordem responde à uma necessidade de transcender a validade relativa que é própria do social, político, cultural, dentre outros, em última instância, histórica, e portanto, instituídas artificialmente e expressas em leis que são necessárias enquanto leis, mas que também são revogáveis quando não fundamentadas na natureza senão

no artifício. Para estes autores a *noção de natureza pareceria então, representar aquela fonte última da qual tudo sai e para a qual tudo volta*, donde concluem que a noção de natureza é essencialmente indefinível.

Segundo Rosset (1989) a natureza é o que existe independente da atividade humana, o que não se deve confundir com matéria, que é o acaso, ou seja, o modo de existência não somente independente das produções humanas, mas também indiferente à todo princípio e a toda lei. O homem (artifício) e a matéria (acaso) encontram-se excluídos do reino da natureza, entretanto a natureza se caracteriza por seus efeitos específicos, os quais são marcados por um modo de atividade que está distanciado tanto da inércia material quanto da atividade humana. Entretanto, o artifício não se opõe a natureza senão quando é tributário do acaso, uma instância aleatória, não como inércia material, mas como risco. Risco, este, que é específico do poder humano sobre a natureza, pois o homem possui o poder de intervir na natureza, consolidando ou destruindo suas construções, através da liberdade. Para este autor, a definição mais geral de natureza poderia ser necessidade, já a do artifício e da matéria seria o acaso, tendo em vista que esta necessidade natural transcende a todas as necessidades não-naturais, ou seja, as do homem e as do acaso, consideradas arbitrárias em função da ideia de necessidade natural. Portanto, as necessidades da natureza somente se opõem ao acaso e ao artifício porque se supõe que transcendam a ordem das necessidades factuais, do acaso e arbitrárias, pressupondo a produção prévia de um artifício humano. Esta necessidade natural é a intervenção do conceito de força, através do qual se designará em poder de realização, distinto, ao mesmo tempo, da passividade natural e da eficiência humana. Este autor diz que, para Heidegger, a palavra natureza contém uma interpretação do ente em sua totalidade. Pois a ideia de natureza é incapaz de manifestar-se por si mesma, fornece em compensação, um ponto de apoio necessário e eficaz a todos os temas metafísicos, cujo reconhecimento depende do reconhecimento de uma natureza; pois transcender não é tudo, é preciso transcender alguma coisa. O nada de pensamento sob o conceito de natureza não é um nada qualquer; define um nada a partir do qual se torna possível pensar outra coisa.

Rosset (1989), continua afirmando que a ideia de natureza nunca foi pensada, mas somente oposta a certos fatos, atitudes e acontecimentos que ferem a sensibilidade humana, a qual é demonstrada pela expressão de desagrado: pois *transgride a natureza tudo o que se opõe ao desejo*. Ela é um sistema de forças espontâneo e inocente, que antecede a qualquer degradação promovida pelo homem. A ideia de natureza é invencível, porque é vaga, ou seja, não existe como ideia, ela constitui uma ilusão, que se caracteriza por ser derivada do desejo humano, mas o homem que se ilude não se engana pois as promessas do desejo nunca se

constituem em expressão precisa que poderia ser refutada intelectualmente; falta - lhe precisão, conteúdo e objeto de crença. Ela permite que a insatisfação se expresse, pois sem um referencial de necessidade, a insatisfação não poderia ser demonstrada, pois seria incapaz de apontar uma instância natural, na qual sua própria desgraça pudesse aparecer como acidental e arbitrária, assegurando uma relação de necessidade entre a ideia de que "isto agrada" e a de que "isto não deveria ser". Nesse sentido, ela pode mostrar-se como expressão da afetividade humana, exprimindo insatisfação e racionalidade. Portanto, a ideia de natureza obedece o princípio do qual se extraem energia suficiente para subsistir e sobreviver e simboliza um antes possibilitando todos os agora.

Cocteau, citado por Rosset (1989) relata que é necessário uma infinidade de circunstâncias físicas, históricas, culturais para que um objeto surja. Circunstâncias estas, tão incalculáveis que o objeto delas resultante aparece como imprevisível e insólito, não respondendo a nenhuma necessidade, não fazendo parte de nenhum desenvolvimento necessário, não resultando de nenhum princípio, portanto não sendo natureza e sim objeto artificial.

Segundo um referencial antropocêntrico, dentro do que se pode chamar de "maravilhoso mundo cotidiano" existe um reconhecimento de que o objeto natural, objeto artesanal e obra de arte, pertencem ao mesmo reino do fortuito, na medida em que não expressam uma necessidade, que se pode chamar de artifício ou acaso, conforme se trate de obras do homem ou das produções ditas naturais. Ao reino do acaso, onde nada é necessário mas tudo é possível, pertencem tanto às eventualidades do querer humano como a espontaneidade da matéria. O artifício designa toda a produção cuja realização transcende ou transgride os efeitos da natureza, se concordarmos com a hipótese de que apenas o homem ou Deus, dispõe de tal poder, somente neste caso, artifício designará produção humana. Entretanto, o artifício não designa a capacidade humana de estabelecer objetivos e atingi-los, mas simplesmente a capacidade de realizar produções sem a ajuda da natureza. O pensamento artificialista é baseado na noção de conveniência e busca o êxito, portanto da mesma maneira que uma regularidade natural deve sua existência a um sucesso físico, também uma regularidade institucional deve sua existência ao sucesso social. A única, porém, decisiva diferença não se refere ao que é reconhecido como verdadeiro ou existente, mas ao que é desejado.

Para Caponi (1992), artifícios são aqueles seres que devem sua razão de existir ao arbítrio humano portanto o artificial é produto da deliberação humana e o bom artifício é aquele que se funde na instância natural. Para ele, o justificacionismo é a expressão ou modalidade do naturalismo, na qual o conhecimento se preocupa em

mostrar que certas crenças não são meras ocorrências arbitrárias do sujeito, mas sim que elas são impostas, por princípios, segundo uma ordem independente de qualquer deliberação ou opção, isto é, segundo a natureza, tais crenças se impõem como necessidades do sujeito, ou seja, como bons artifícios. Este autor relata que Heidegger pontua o posto (*thesis*), um produzir sapiente (*técnē*), a lei (*monos*) como determinações que se distinguem, para os gregos, da *physis* e neste sentido, *physis* se constitua como natureza. Donde se conclui que o posto, o produzido e o legislado, pertencem ao âmbito do artifício, pois se referem a atividade humana.

Conclusões

O ser humano vive dentro de um mundo de relações que afetam, condicionam e determinam seu modo de ser, pensar, querer e agir. Suas atitudes e sentimentos para com as diversas situações de vida, variam de acordo com suas crenças, valores, opiniões, cultura, história e, também, com a distância emocional em que se encontra em relação aos acontecimentos.

O nascer de uma criança envolve em primeiro lugar o desejo de ter um filho, e a liberdade e responsabilidade de tê-lo. Esse desejo muitas vezes se transforma em necessidade mas continua "Desejo", que depende da vontade e da ação do homem/mulher.

Donde podemos concluir, que o nascer de uma criança é artifício, pois deve sua razão de existir ao arbítrio humano, sendo que o bom artifício é aquele que se funde à instância natural. Daí então a dificuldade de definir se o nascer de uma criança é processo natural ou artificial.

Abstract: *A literature review about the paradox of a simple/complex phenomenon of being born/not being in which the author reflects about its importance throughout the ages. The author also attempts to clarify knowledge about the phenomenon of birth by searching in the philosophy answers to the issue of being born as a natural or an artificial process.*

Key Words: birth, infertility,

Referências Bibliográficas

- 1- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo, : Mestre Jou, 1970
- 2- CAPONI, G. A. **La demanda de fundamento (para un psico-análisis del justificacionismo)**. Rosario : Keynes Universitário, s.d.
- 3- CRIPPA, A. **Mito e cultura**. São Paulo : Convívio, 1975.
- 4- JEFFCOATE, N. **Ginecología**. Buenos Aires : Intermédica, 1971
- 5- MARCONI, M. A. **Instituição família e parentesco**. In: LAKATOS, E. M. **Sociologia geral**, 3. ed. São Paulo : Atlas, 1979.
- 6- MALDONADO, M. T. **Maternidade e paternidade**. Petrópolis, :Vozes, 1989.
- 7- PONCE, L. et ali. **Paragnoseológicos**. Rosário, 1986.
- 8- REDEM, P. et ali Psychological aspects of male infertility. **British Journal of Medical Psychology**, v. 63, p. 73-78, 1990.
- 9- RIEKER, P.P. et ali. Adaptive behavioral responses to potential infertility to potential infertility among survivors of testis cancer. **Journal of Clinical Oncology**. Philadelphia, v. 8, n. 2, p. 347-55, Feb. 1990.
- 10-ROSA, M. **Problemas da família moderna: perspectiva cristã**. Rio de Janeiro : Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.
- 11-ROSSET, C. **A anti-natureza: elementos para uma filosofia trágica**. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1989

Endereço
Rua Pará, 1235 - Água Verde
CEP 80.610-020 - Curitiba - PR.
Telefone 224-9124